Revisão etimológica do gênero *Cabassous* (Cingulata, Chlamyphoridae): os equívocos que os dicionários perpetuam

RAFAEL GUSTAVO RIGOLON

Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal de Viçosa, 36570-000, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. E-mail: rafael.rigolon@ufv.br

Resumo É possível constatar, dentre várias atribuições, a importância da Nomenclatura na criação e evolução das palavras de uso comum assim como a da Etimologia ao fornecer informações para o entendimento da criação dos nomes científicos e vice-versa. O nome do gênero *Cabassous* McMurtrie, 1831 tem origem indígena, porém a literatura tem apresentado três possíveis origens etimológicas: do tupi *kawa'su*; do guarani *caaiguouazou*; e do galibi *kapasi*. Por meio de uma pesquisa documental profunda, as três hipóteses foram verificadas de acordo com suas citações e noções básicas de Etimologia. Os resultados indicam que a etimologia galibi é a mais apropriada para explicar a origem do nome genérico *Cabassous* e que a etimologia tupi é apenas uma coincidência com a palavra “cabaçu” usada para designar também vespas do gênero *Polybia*. A etimologia guarani não apresenta evidências que a corroborem, porém deixou suas marcas em muitos dicionários e enciclopédias.

Palavras-chave: cabaçu, etimologia, nomenclatura, nomes indígenas, tatu-de-rabo-mole

Etymological review of the genus *Cabassous* (Cingulata, Chlamyphoridae): the misconceptions that dictionaries perpetuate

Abstract It is possible, among several attributions, to see the importance of Nomenclature in the creation and evolution of the common use of words. In addition, Etymology can provide information for understanding the creation of scientific names and vice versa. The genus name *Cabassous* McMurtrie, 1831 is of indigenous origin, but the literature has presented three possible etymological origins: Tupi *kawa'su*; Guarani *caaiguouazou*; and Kalini *kapasi*. Through a profound documental research, the three hypotheses were verified according to their quotes and basic notions of Etymology. The results indicate that Kalini etymology is the most appropriate to explain the origin of the generic name *Cabassous* and the Tupi term is just a coincidence with the word “cabaçu”, also used to designate *Polybia* wasps. There is no evidence that would corroborate the Guarani etymology, but it has left its mark in many dictionaries and encyclopedias.

Keywords: *Cabassous*, etymology, indigenous names, naked-tailed armadillo, nomenclature

INTRODUÇÃO

O filósofo romano Cícero, em 45 a.C., já justificava a criação de novas palavras ao afirmar no *De Finibus*: “*Verba pariendo sunt imponendaque nova rebus novis nomina*” (“É preciso criar palavras novas e às coisas novas devem ser atribuídos novos nomes”). Conforme as espécies foram sendo descobertas, novos nomes tiveram de ser criados. Após a chegada de Colombo à América, no final do século XV, a quantidade de animais e plantas descritos aumentou substancialmente. Ao mesmo passo em que as novidades maravilharam os naturalistas, a Nomenclatura Biológica teve de ser criativa para compor os

neologismos que batizaram as novas espécies. Dar nome aos grupos taxonômicos foi primordial para compreender a grande diversidade de espécies e constituiu a primeira missão da Nomenclatura Zoológica (ou Zoonomenclatura), cujos princípios e regras se desenvolveram trabalhosamente.

Os nomes das espécies e dos demais táxons sofrem alterações linguísticas. Em muitos casos, essa mudança primeiramente se dá numa fase de denominações vulgares e, depois, na nomenclatura científica. Muitos animais americanos tiveram seus nomes indígenas disseminados pelo mundo, seja como nome vulgar ou adaptados à nomenclatura científica, como

foi o caso dos tatus do gênero *Cabassous* McMurtrie, 1831, cujo nome genérico é objeto desta pesquisa.

Na literatura, três hipóteses etimológicas são largamente apresentadas para o nome do gênero, cada uma referindo-se a uma língua indígena: 1) *kawa'su*, de origem tupi (Ferreira, 2004; Houaiss, 2009); 2) *caaiguouazou*, de origem guarani (Azara, 1801) e *kapasi*, de origem galibi (Simpson, 1949).

O objetivo deste estudo foi investigar qual etimologia é mais condizente ao nome dos tatus *Cabassous* segundo documentos históricos e princípios da Etimologia e, com isso, conhecer qual é a mais provável origem da palavra portuguesa cabaçu. A hipótese inicial é que muitos dicionários e enciclopédias de língua portuguesa atuais herdaram erros de interpretação de obras mais antigas.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi realizada essencialmente por meio de uma pesquisa bibliográfica retroativa (Oliveira, 2016), ou seja, cada obra consultada indicava em si uma ou mais obras anteriores nas quais baseou seu conteúdo. A retroação da literatura partiu das obras de História Natural que classificaram as espécies do gênero *Cabassous* para as que as precederam, além dos relatos publicados de exploradores naturalistas europeus que descreveram a fauna sul-americana.

A pesquisa lexicográfica contou com dois grupos de enciclopédias e dicionários: a) obras antigas,

monolíngues e bilíngues, do século XVI ao XX, impressas ou em versão fac-similada disponível *online*; b) obras monolíngues atuais de maior expressão em versão digital e/ou impressa. Os materiais consultados são apresentados juntamente aos resultados.

Com base nesses registros, as acepções referentes aos tatus *Cabassous* e correlatas foram relacionadas entre si de acordo com a cronologia e a língua em que se situa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

História da nomenclatura: por que *Cabassous*?

De acordo com Gardner (2005), *Cabassous* é um gênero de clamiforídeos que, atualmente, compreende quatro espécies: *C. centralis* (Miller, 1899) com distribuição natural entre o México, Colômbia e Venezuela; *C. chacoensis* Wetzel, 1980, do Chaco, no Paraguai, ao norte da Argentina; *C. tatouay* (Desmarest, 1804), entre Argentina, Paraguai, Uruguai e regiões Centro-Sul e Nordeste do Brasil; *C. unicinctus* (Linnaeus, 1758), espécie-tipo do gênero, ocorre em grande parte da América do Sul, da Venezuela às Guianas, incluindo-se Colômbia, Peru, Equador e Bolívia, e no Brasil em todas as regiões exceto o Sul.

A autoria do gênero *Cabassous* é atribuída ao estadunidense Henry McMurtrie, médico e professor de Anatomia e Fisiologia na Filadélfia. McMurtrie publicou alguns livros, mas ficou famoso pelo *The animal kingdom arranged in conformity with its organization* (1831), uma tradução para o inglês do trabalho

FIGURA 1. Diagrama da evolução etimológica de *Tatou-Kabassou*.

FIGURA 2. Diagrama da etimologia tupi de *cabaçu* segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2009).

de Cuvier (1817), no qual inseriu mais algumas informações. No primeiro volume (McMurtrie, 1831), *Cabassous* é apresentado como um subgênero de *Dasybus* Linnaeus, 1758, claramente, uma latinização do francês *Cabassou*. A sequência de citações e referências é representada pela **Fig. 1**.

O naturalista francês Georges Cuvier, Pai da Paleontologia, havia publicado em 1817 a primeira edição de *Le Règne Animal Distribué d'après son Organisation*, dividida em quatro volumes. No primeiro, Cuvier apresenta *Les Édentés* como a quinta ordem de mamíferos, dividida em três tribos. A segunda tribo, *Les Édentés ordinaires*, é subdividida em dois gêneros: “LES TATOUS. (DASYBUS. L.)” e “LES ORYCTÉROPE. (ORYCTEROPUS. Geoff.)”. No primeiro gênero, Cuvier apresenta cinco espécies dos chamados *tatous*, cada uma com várias denominações, com quatro remetendo às apresentadas por Buffon (1763). Duas espécies apresentam o termo *Cabassou* como sinônima: “Le Tatou à douze bandes, *Cabassou*, Buff., *Tatouay* d’Azz. (*Das. unicinctus*. L.) Buff. X, XL.” (Cuvier, 1817: 220) e “Le Tatou géant, Geoff., *grand Tatou* d’Azz., (*Dasybus gigas*. Cuv.) *deuxième Cabassou* de Buff., X, XLV.” (Cuvier, 1817: 221). São, respectivamente, *C. unicinctus* e *Priodontes maximus* (Kerr, 1972), espécies hoje categorizadas em gêneros diferentes.

O naturalista francês Georges-Louis Leclerc, o Conde de Buffon, publicou a enciclopédia *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi* em 36 volumes. Sua obra foi um marco científico e influenciou as ideias de Lamarck, Cuvier e Darwin e a *Enciclopedia* de Diderot. No décimo volume, de 1763, Buffon fala sobre os quadrúpedes e reserva um capítulo para *Les Tatous*. Logo no início, esclarece que preferiu empregar o nome brasileiro *Tatou* em vez do espanhol *Armadillo* porque o segundo poderia bem ser aplicado ao pangolim, gerando assim alguma confusão.

Antes de apresentar as espécies separadamente, Buffon (1763: 204) fala sobre os tatus que o entomólogo francês Claude d’Abbeville descreveu em 1614 de sua missão à capitania do Maranhão, no Brasil colonial. Buffon acredita que o *Tatou-ouassou* (atual *P. maximus*) citado por d’Abbeville seria um *Kabassou*. Depois de apresentar algumas espécies, Buffon (1763: 218) trata sobre “*Le KABASSOU ou TATOU a douze bandes*” isto é, o atual *C. unicinctus*. Numa nota de rodapé, ele explica que *Kabassou* é o nome atribuído a uma espécie de tatu grande em Caiena (capital da então colônia Guiana Francesa) e que o adotaria doravante. O naturalista também pontua que Barrère (1741) o registrou como *Tatou-Kabassou*, mas que incorretamente o sinonimizou com *Tatuete brasiliensis* de Marcgrave (1648) (atual *Dasybus novemcinctus* Linnaeus, 1758). Buffon explica que *Kabassou* é um tatu grande enquanto o *tatuète*, de Marcgrave, é bem pequeno.

Na mesma obra, após a gravura XL de *Le Kabassou*, Buffon (1763: 263) apresenta a gravura de um tatu diferente (gravura XLI) junto à inscrição *Autre Kabassou*, isto é, “outro *Kabassou*”. Foi baseado nessa segunda gravura que Cuvier (1817) descreveu o *Tatou géant* como *Dasybus gigas* Cuv. ou *deuxième Cabassou* (segundo *Cabassou*). Azara (1801) também comentou sobre a diferença entre os dois *Kabassou* de Buffon.

Os tatus só aparecem na sexta edição do *Systema Naturae* de Linnaeus (1748: 6), na Classe *Quadrupedia*, Ordem *Ferae*, Gênero *Dasybus*, com sete espécies de nomes ainda polinomiais. A palavra *tatu* já era usada, como consta no livro, por John Ray (e.g., “*Tatu s. Armadillo primus*.”, 1693) e Alberto Seba (e.g., “*Tatu s. Armadillo africanus*.”, 1734), mas Lineu preferiu empregar a palavra *Dasybus* ao gênero a usar algum nome bárbaro (indígena). O nome latino foi inspirado na palavra grega *dasýpous* (pé peludo), que o naturalista grego Plínio, o Velho, utilizou para designar um lagomorfo no seu *Naturalis Historia* (77 d.C.).

A taxonomia lineana para os tatus não mudou até a nona edição, de 1756. Na histórica décima edição, de 1758, o marco da Taxonomia Zoológica moderna, Lineu passou a utilizar a nomenclatura binomial, reduziu o número de espécies de *Dasybus* a seis e classificou o gênero em táxons modificados - Classe *Mammalia*, Ordem *Bestiae* (Linnaeus, 1758).

O *Kabassou* de Buffon (1763) só apareceu na décima terceira edição do *Systema Naturae*, de 1788, já sob os cuidados do naturalista alemão Johann Gmelin. *Dasybus* consta, dessa vez, na Ordem *Bruta*, com oito espécies. Gmelin (1788: 54) apresentou a sinônima de *Dasybus unicinctus* e, nela, cita o *Kabassou* de Buffon (1763) como “*Kabassou (sic)* ou *Tatou à douze bandes*. Buff. hist. nat. X. p. 218. t. 40.”. A troca de “u” por “n” é um dos erros mais frequentes por conta da tipografia antiga (Edelweiss, 1969).

Por fim, no sentido retrospectivo, o médico e naturalista francês Pierre Barrère, citado por Buffon (1763), descreve os animais, plantas e minerais que viu em sua viagem de três anos na Guiana Francesa (1722–1725) no *Essai sur l’histoire naturelle de la France équinoxiale*, de 1741. Numa lista de animais, em ordem alfabética, Barrère (1741: 163) apresenta duas espécies de tatu: 1) “*TATUS* Gesn. *Tatu apara* Marcg.”; 2) “*TATUS major, moschum redolens. Tatu-ete Brasiliensibus* Marcg. *Tatou-Kabassou*.”. O primeiro é erroneamente referenciado ao *Tatu apara* de Marcgrave (1648) [atual *Tolypeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758)], cuja distribuição não inclui as Guianas. O segundo também é uma referência equivocada ao *Tatu-ete* de Marcgrave. Barrère, assim, apresenta *Tatou-Kabassou* como sinônimo, mas não explica a origem do nome.

Marcgrave (1648) em seu livro *Historia Naturalis Brasiliae*, citado por Barrère (1741), menciona

apenas três espécies de tatu: “TATU & TATU-PEBA” (= *E. sexcinctus*), “TATU-ETE” (= *D. novemcinctus*) e “TATU APARA” (= *T. tricinctus*), mas não menciona nada parecido com *Kabassou*.

No século XX, outros autores chegaram a sugerir latinizações do nome de gênero que fossem mais fiéis à pronúncia original indígena do que à grafia francesa. É o caso de Ameghino (1907) que, justificadamente, cita *Cabassus antiquus* (Lund.). Há também os nomes de sinônimos júniores nos quais houve erros de ortografia (Gardner, 2005): *Cabassus Trouessart*, 1905 e *Cabassus Neveu-Lemaire* & Grandidier, 1911. O Princípio da Prioridade do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, 1999), entretanto, valida apenas o nome mais velho do táxon, o sinônimo sênior.

Cabassous no léxico português

As quatro espécies do gênero *Cabassous* podem ser referenciadas por algumas denominações em português que são encontradas nas enciclopédias, vocabulários e dicionários atuais e antigos, impressos, em versão eletrônica de *software* e de internet. Aqui é apresentada uma compilação dos principais vocábulos e suas acepções de quatro dos dicionários brasileiros de língua portuguesa mais conhecidos e referenciados: Aulete (Aulete & Valente, 2017), Aurélio (Ferreira, 2004), Houaiss (Houaiss, 2009) e Michaelis (Michaelis, 2015). Demais dicionários, principalmente *online*, apresentam acepções adaptadas destes ou de dicionários mais antigos de domínio público.

A palavra em português mais foneticamente parecida com *Cabassous*, atualmente, é cabaçu. Segundo os dicionários de língua portuguesa (TABELA 1), basicamente, cabaçu é um nome atribuído aos tatus-de-rabo-mole e às vespas do gênero *Polybia* Lepeletier, 1836. O dicionário Aulete (Aulete & Valente, 2017) relaciona o verbete apenas às vespas e o Aurélio (Ferreira, 2004) menciona apenas os tatus enquanto Houaiss (Houaiss, 2009) e Michaelis (Michaelis, 2015) apresentam as duas acepções.

A aparição mais antiga de cabaçu, em português, registrada por esta pesquisa, foi a de Valdez (1864), no primeiro tomo do *Diccionario español-portugués*, que apresenta o vocábulo espanhol *cabasu* e o traduz para o português como o homógrafo *cabasu*. Valdez (1864: 511) afirma que *cabasu* é uma espécie de mamífero que “se chama mais communmente tatu de doze fachas ou grande tatu”. Sua definição é bastante semelhante à de Azara (1801). Figueiredo (1899: 218), por conseguinte, no *Nôvo Diccionario da Língua Portuguesa*, também registra *cabasu* em português: “*m.* espécie de tatu”. Mais próximos dos dias atuais, Gotch (1979) e Emmons & Feer (1997 *apud* Superina & Aguiar, 2006) registram *cabassú* como um dos nomes comuns em português do tatu-de-rabo-mole.

Os dicionários atuais consultados apresentam cabaçu, tatu-de-rabo-mole, tatuaíva e tatuxima como sinônimos de cabaçu (TABELA 1). Para cabaçu, os dicionários Aurélio, Houaiss e Michaelis adicionam as vespas *Polybia* às acepções. Além dessas, Houaiss apresenta as poligonáceas *Coccoloba* P. Browne como uma terceira acepção de cabaçu. Tatuaíva e tatuxima são palavras de origem tupi que etimologicamente descrevem características dos *Cabassous* e que não possuem outras acepções além das desse gênero (TABELA 1). A primeira vem de *tatua’iwa* que significa ‘tatu ruim’ em tupi, por causa do seu mau cheiro e seu hábito de escarafunchar sepulturas; a segunda vem do tupi *tatugwa’sima* cujo significado equivale ao nome tatu-de-rabo-mole. Esse nome faz referência ao fato que as espécies do gênero *Cabassous*, ao contrário das demais, possuem a cauda com poucas, espacas e pequenas placas dérmicas. O termo tatu-de-rabo-mole tem sido o mais representativo, pois condiz com a maioria de suas traduções: *naked-tailed armadillo* em inglês, *armadillo de cola desnuda* em espanhol, *tatou à queue nue* em francês, *armadillo a coda molle* em italiano, *Nakensvansade bältor* em sueco e *Nacktschwanzgürteltier* em alemão.

A etimologia tupi

A retrospectiva científica da evolução do nome do gênero *Cabassous* termina com Barrère (1741), que cita *Tatou-Kabassou* e não informa sua origem (FIG. 1), o que motiva a criação de algumas hipóteses etimológicas. Considerando que sua pronúncia na grafia afrancesada é /kaba’su/, idêntica à portuguesa, pode-se considerar que a etimologia da segunda valha sucessivamente para a primeira.

Segundo os dicionários Aurélio (Ferreira, 2004) e Houaiss (Houaiss, 2009), a palavra cabaçu provém da junção de duas palavras tupis, ‘*kawa*’ (vespa) e ‘*gwa’su*’ (grande), por sua aférese *a’su* (FIG. 2). A etimologia é apresentada em conjunto às homônimas vespas *Polybia*. É uma etimologia que levanta dúvidas, pois só faz sentido às vespas.

Verifica-se que essa etimologia não se aplica à palavra cabaçu. A única palavra tupi designativa para os tatus apresentada em documentos antigos é *tatu*, afrancesada para *tatou* e aportuguesada para *tatú* (hoje sem acento agudo). Na literatura do século XVI ao XVIII, não consta alguma palavra similar a cabaçu no léxico tupi e nem no português para se referir a alguma espécie de tatu. Seguem alguns apontamentos:

- Papavero & Teixeira (2014) apresentam um belíssimo trabalho histórico sobre os animais com nomes tupis registrados por autores europeus no século XVI, no qual nenhum nome parecido com cabaçu é listado para designar as espécies de tatu. Aliás, a única espécie do gênero *Cabassous* constata no estudo foi o *C. tatouay* com o nome tupi de *tatuguaxima*. Esse nome foi registrado em 1591 pelo Padre Francisco Soares e significa ‘tatu de rabo liso’.

TABELA 1. Acepções dos nomes vulgares dos tatus *Cabassous* em quatro atuais dicionários brasileiros de língua portuguesa.

Nome vulgar, dicionário	Acepção
Verbetes <i>cabaçu</i>	
Aulete	"s. m. (Bras.) vespa silvestre (<i>Polybia nigra</i> , Lans.) também denominada <i>cabuçu</i> ."
Aurélio	"[Do tupi = 'caba grande'.] Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. V. <i>tatu-de-rabo-mole</i> . [Var.: <i>cabuçu</i> .]"
Houaiss	"s.m. (a1958) B 1 ENT m.q. CABAÇU (<i>Polybia ignobilis</i>) 2 MASTZOO m.q. TATU-DE-RABO-MOLE (<i>Cabassous</i>) ꝫ ETIM ver em <i>cabuçu</i> "
Michaelis	"ca-ba-çu sm ZOO 1 Pequena vespa negra (<i>Polybia nigra</i>), que constrói seu ninho em ocos de pau ou em câmaras no interior dos cupinzeiros; cabuçu. 2 V tatu-de-rabo-mole. ETIMOLOGIA tupi <i>kawa-wasú</i> "
Verbetes <i>cabuçu</i>	
Aulete	"s. m. (Bras.) nome comum a duas plantas poligonáceas (<i>Coccoloba martii</i> , Meissn. e <i>C. paniculata</i> , Meissn.), outrossim guajuvira ² . O mesmo que cabaçu. F. tupi-guarani."
Aurélio	"[Var. de <i>cabaçu</i> .] Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. V. <i>tatu-de-rabo-mole</i> . 2. Bras. PA a SP GO Bot. Arbusto da família das poligonáceas (<i>Coccoloba martii</i>), de flores brancacentas, e cujos frutos têm propriedades refrigerantes e adstringentes; guajabara, guajuvira. 3. Bot. Bras. Amaz. a SP GO MT Arbusto da família das poligonáceas (<i>Coccoloba paniculata</i>), de flores brancacentas e bagas drupáceas."
Houaiss	"s.m. (1914) 1 ANGIOS design. comum a algumas plantas do gên. <i>Coccoloba</i> , da fam. das poligonáceas, nativas do Brasil 1.1 ANGIOS arbusto (<i>Coccoloba martii</i>) nativo do Brasil (PA a MG, SP), com raiz us. contra a diarreia e a leucorreia, folhas ovado-oblongas, coriáceas, flores esbranquiçadas e bagas suculentas, de que se faz suco refrigerante e levemente adstringente; guajabara, guajuvira 1.2 ANGIOS m.q. <i>guabajara</i> (<i>Coccoloba peltigera</i>) 2 ENT B vespa brasileira (<i>Polybia ignobilis</i>) de coloração negra, que constrói o ninho em ocos de pau ou em cupinzeiros; cabaçu 3 MASTZOO B m.q. <i>tatu-de-rabo-mole</i> ꝫ ETIM tupi 'kawa' 'vespa' + <i>gwa'su</i> 'grande'"
Michaelis	"ca-bu-çu sm 1 ZOO V cabaçu, acepção 1. 2 ZOO V tatu-de-rabo-mole. 3 REG (GO, PA, SP), BOT Arbusto (<i>Coccoloba martii</i>) da família das poligonáceas, com flores esbranquiçadas, frutos suculentos, dos quais se extrai um suco com propriedades refrigerantes e adstringentes; guabajara, guajabara, guajuvira. 4 REG (AM, GO, MT, SP), BOT Arbusto (<i>Coccoloba paniculata</i>) da família das poligonáceas, com flores branco-amareladas e frutos simples e carnosos. 5 V guabajara. ETIMOLOGIA tupi <i>kawusú</i> "
Verbetes <i>tatuáíva</i>	
Aulete	Não consta.
Aurélio	"[Do tupi = 'tatu ruim'.] Substantivo masculino. 1. Zool. V. <i>tatu-de-rabo-mole</i> ."
Houaiss	"s.m. mastzoo m.q. <i>tatu-de-rabo-mole</i> ꝫ etim tupi <i>ta'tu</i> 'tatu' + <i>a'íwa</i> 'ruim'"
Michaelis	"ta-tu-a-í-va sm ZOO V tatu-de-rabo-mole. ETIMOLOGIA tupi <i>tatu-aíwa</i> ."
Verbetes <i>tatu-de-rabo-mole</i>	
Aulete	"(ta.tu-de-ra.bo.mo.le) sm. 1. Bras. Zool. Denominação comum aos tatus do gên. <i>Cabassous</i> , encontrados nas Américas Central e do Sul, sendo três das 4 spp. do gên. encontradas no Brasil; com até 49 cm de comprimento, coloração dorsal marrom-escura, patas dianteiras providas de cinco grandes garras e cauda praticamente nua, coberta por poucas e espaçadas placas; CABAÇU; CABUÇU; TATAUIVA; TATUXIMA"
Aurélio	"Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. Designação comum às espécies de tatus dasipodídeos, gênero <i>Cabassous</i> , caracterizados por ter a cauda com placas pequenas, não cobrindo inteiramente a pele, unhas muito grandes, e corpo com até 45 cm de comprimento. Ao todo, quatro espécies são conhecidas do Brasil. [Sin.: <i>tatuáíva</i> , <i>tatuxima</i> , <i>cabaçu</i> , <i>cabuçu</i> . Pl.: <i>tatus-de-rabo-mole</i> .]"
Houaiss	"s.m. MASTZOO B design. comum aos tatus do gên. <i>Cabassous</i> , com quatro spp., das Américas Central e do Sul, sendo três delas encontradas no Brasil; com até 49 cm de comprimento, coloração dorsal marrom-escura ou quase negra, patas dianteiras providas de cinco grandes garras e cauda praticamente nua, coberta por poucas e espaçadas placas; cabaçu, cabuçu, tatuáíva, tatuxima ꝫ GRAM pl.: <i>tatus-de-rabo-mole</i> "
Michaelis	"ta-tu-de-ra-bo-mo-le sm ZOO Denominação comum aos tatus do gênero <i>Cabassous</i> , encontrados nas Américas Central e do Sul, medindo aproximadamente 0,5 m de comprimento, de cor marrom-escura, providos de cinco grandes garras nas patas dianteiras e caudas revestidas de esparsas placas; cabaçu, cabuçu, tatuáíva, tatuxima. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES PL.: <i>tatus-de-rabo-mole</i> . ETIMOLOGIA VOC comp."
Verbetes <i>tatuxima</i>	
Aulete	"s. m. (Bras.) o mesmo que tatu-de-rabo-mole."
Aurélio	"[De or. tupi.] Substantivo masculino. 1. Bras. Zool. V. <i>tatu-de-rabo-mole</i> ."
Houaiss	"s.m. mastzoo m.q. <i>tatu-de-rabo-mole</i> ꝫ etim f.snc. do tupi <i>tatugwa'sima</i> 'variedade de tatu de cauda destituída de placas', comp. de <i>tatu</i> + tupi 'waya' 'rabo, cauda, extremidade' + tupi 'sima' 'liso'"
Michaelis	"ta-tu-xi-ma sm ZOO V tatu-de-rabo-mole. ETIMOLOGIA alt do tupi <i>tatu-wa-sýma</i> ."

- O padre jesuíta Leonardo do Valle, em sua compilação *Vocabulário na lingua brasilica*, de 1585, registra algumas palavras parecidas com cabaçu, mas com o significado de vespa: *Caba*, *Cabatĩ* e *Cabecẽ* (Papavero & Teixeira, 2014: 174).

- Além de seus estudos zoobotânicos, durante uma expedição ao Brasil (1817–1821), o naturalista alemão Karl Friedrich Philipp von Martius pesquisou as línguas indígenas por onde passou (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão e rio Amazonas). No seu *Glossaria linguarum brasiliensium*, de 1863, Martius registrou os nomes do tatu em mais de dez línguas indígenas. As línguas do tronco tupi apenas apresentavam palavras similares a *tatu*, mas não a cabaçu: *tatou* (apiacá e caiouá) e *tatu* (araquaju).

- Martius (1863: 37), na mesma obra, registra a tupi *cabaçu* e a traduz como cabaça. Essa palavra teve influência direta portuguesa. Segundo Soares (1942), os índios tinham uma tendência em alongar os finais breves das palavras portuguesas, da mesma forma que cavalo ficou por *cabarrú* em tupi. Sendo assim, os tupis chamavam cabaço (fruto da cabaceira) por *cabaçu*.

- Em outro momento da obra, Martius (1863: 493) registra o nome de riachos chamados Cabuçu com etimologias ligadas a vespa e mata: “Cabuçu (Rio de Janeiro, Alagoas: Ribeiro) – *caba* vespa, *assu* grande, alias *caa-puçu* mato comprido. Vespa magna, sylva extensa.”.

- Superina & Aguiar (2006) realizaram uma extensa relação de nomes comuns de espécies de xenartros em diversas línguas e não registram termo semelhante a cabaçu para alguma espécie de tatu em tupi.

Sendo assim, a etimologia do cabaçu clamiforídeo pela do cabaçu vespídeo não procede, sendo apenas uma coincidência fonética. A primeira tem origem no *Kabassou* de Barrère (1741) e a segunda, essa sim, no tupi *kawa'su*.

A etimologia guarani

O espanhol Félix de Azara (1801) apresentou uma etimologia para o *Kabassou* de Buffon (1763) baseada numa palavra guarani. Azara foi o primeiro naturalista a descrever a flora e a fauna paraguaia. Durante os vinte anos em que viveu no Paraguai (1781–1801), procurou conhecer os animais da região utilizando Buffon como base de seus estudos. Azara corrigiu algumas informações do autor francês, refutando, por exemplo, a ideia de que o número de cintas da carapaça seria uma característica própria de cada espécie, mas cometeu alguns erros taxonômicos ao considerar que os animais da Guiana Francesa descritos por Buffon eram os mesmos que encontrou no Paraguai. Seus conhecimentos de História Natural foram publicados em Paris no *Essais sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la province du Paraguay*, em 1801. No começo do segundo tomo da obra, Azara (1801: 122) comenta que *tatou* é o nome que os guaranis dão aos tatus.

FIGURA 3. Diagrama das etimologias guaranis de *Kabassou* segundo Azara (1801) e Ameghino (1907).

FIGURA 4. Diagrama da etimologia galibi de *Tatou-Kabassou* segundo Simpson (1949).

Sendo o guarani uma língua do tronco tupi-guarani, a palavra é a mesma do tupi.

Para desvincular os nomes dos tatus ao número de cintas, como fizeram Linnaeus (1758) e Buffon (1763), Azara apresentou oito espécies com outros nomes. Dessas: *P. maximus* é denominado “TATOU PREMIER, OU GRAND TATOU.” (Azara, 1801: 132); *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758) é “LE TATOU SECOND, TATOU POYOU OU TATOU A MAIN JAUN.” (Azara, 1801: 142); *C. unicinctus* é “TATOU TROISIEME, OU TATOU TATOUAY”.

Azara (1801: 159) sugere uma etimologia para a palavra indígena que tem sido uma referência recorrente para o gênero *Cabassous* em muitas publicações de Zoologia. Segundo o autor, o termo *Kabassou* a que Buffon (1763) se refere como sinônimo de *Tatou a douze bandes* é possivelmente uma corrupção do guarani *Caaigouazou*, que significaria ‘grande habitante da floresta’. A teoria tem certa plausibilidade se considerar-se o significado apresentado por Azara (Fig. 3). Seguem, no entanto, alguns apontamentos a respeito dessa etimologia que não a validam:

- Azara (1801) não cita a fonte de tal informação, dando a entender que é uma ideia própria. Além disso, enfatiza que se trata de uma possibilidade (“*peut-être*”) e não uma certeza.

- Azara não especifica quais radicais guaranis compõem a palavra *caaigouazou*, mas pela tradução posta, conclui-se que sejam *caá* e *gûasú*. Edelweiss (1969), entretanto, discorda que o guarani *gûasú* signifique ‘caça/animal grande’. *Gûasú* teria surgido por aférese de *sygûasú* que significa ‘veado’. Inclusive, *sygûasú* deu origem ao tupi *suasú*, com mesmo significado, vindo a resultar no português suaçu. Depois, Edelweiss (1969: 54) afirma que entender o guarani *gûasú* como “animal grande, caça grande, não passa de diletantismo à margem do termo primitivo, reles etimologia popular”. O guarani afrancesado como *caaigouazou*, portanto, estaria mais para ‘veado da mata’ do que ‘animal grande da mata’. Além disso, a letra “i” da palavra não se encaixa em nenhum dos dois radicais guaranis, *caá* e *gûasú*, e dificilmente sumiria na transição fonética para *Kabassou*.

- Na etimologia apresentada para uma palavra similar, *caaigoara*, Azara mostra certo desconhecimento quanto aos significados dos radicais indígenas. Azara (1801: 26) comenta que *caaigoara*, apresentado por Marcgrave para designar o pecari (*Tayassu pecari* Link, 1795) está alterado e deveria ser *caaigouara*. Segundo o autor, *caaigoua* significa ‘monte’ e *ra*, ‘imitação’. Azara ainda argui que o pecari não se parece com um monte e nem vive em um. O fato é que Marcgrave (1648: 229) apresentou *T. pecari* como “TACACU CAAIGOARA”, uma latinização vinda do tupi *taya’su kapii’gwara* que significa ‘taiaçu que

come capim’. Esse é mais um indício que o radical ‘*caai-*’ do *caaigouazou* de Azara teria mais relação com capim (*ka’pii*) do que com mata (*ka’a*).

- Audouin *et al.* (1822: 603-604), no segundo volume do *Dictionnaire classique d’Histoire Naturelle*, registram os verbetes *kabassou* e *caaigouazou* separadamente e sem vínculo. Afirmando, numa entrada, que *cabassou* é sinônimo de *kabassou* e noutra que *caaigouazou* é sinônimo de *D. gigas*. Joaquín Dominguez (1845: 362), no *Diccionario Universal Francés-Español*, e Labernia (1866: 485), no *Novísimo diccionario de la lengua castellana*, apresentam os verbetes sem conexão e descrevem *cabasú* como sendo um macaco. Em outras palavras, há um elo entre *cabassou* e *kabassou*, mas não com *caaigouazou*. A desconexão lexical entre os vocábulos desses dicionários sugere, assim, que as etimologias são distintas.

- Caso interessante é o do *Dicionário zoológico* (Tierno, 1954: 185), de língua portuguesa, que consegue registrar na mesma página, mas sem vinculação alguma, os três seguintes termos: “CAAIGUAZU - Espécie de tatu do Brasil.”; “CABAÇU - Abelha silvestre do Ceará. Cabuçú.; CABASU - Espécie de tatu.”.

- Joaquín Dominguez (1845: 362) registra a palavra espanhola *caaiguazu* como tradução da francesa *caaigouasou* e as reporta a uma espécie de tatu que habita os bosques do Brasil. O ‘Diccionario da Lingua Portuguesa’ de Antonio Moraes Silva (1858), na sua sexta edição, é o primeiro dicionário de língua portuguesa a registrar a palavra *caaigouazou*. Silva (1858: 363) a define como “Nome Brasileiro de um grande armadilha, que vive constantemente nos matos.”. A definição do segundo é apenas uma tradução do primeiro. Tendo os dois autores nunca antes pisado no Brasil e contando com a influência da História Natural da literatura francesa, certamente, tais vocábulos advêm do *caaigouazou* de Azara.

- Nos citados levantamentos de Martius (1863), Superina & Aguiar (2006) e Papavero & Teixeira (2014), *caaigouasou* ou termos semelhantes não são registrados em nenhuma língua indígena para as espécies de tatu.

Apesar de a palavra *caaigouazou* não ter participado do vocabulário cotidiano no Brasil e nem da etimologia de *Cabassous*, alguns dicionários, escritos por não brasileiros, a partir de Azara (1801), acabaram registrando seu aportuguesamento:

- Labernia (1866: 481): “CAAIGONAZON, zool.: Un gran tato ó armillo que habita siempre en los bosques. *Caaigonassó*.” [Observa-se a troca de “u” por “n” por inversão tipográfica, duplamente em Labernia (1866).];

- Vieira (1873: 3): “CAAIGONAZOU, s. m. Grande tatú ou armadilha do Brasil.”;

- Aulete & Valente (1881: 232): “Caaiguazu (ka-ái-ghu-á-zú), s. m. (zool.) espécie de armadilha ou tatu do Brasil.”;

- Figueiredo (1899: 218): “Caaiguazu, m. espécie de tatu do Brasil.”.

Outro autor importante que afirma que *Cabassous* é proveniente do guarani é o naturalista argentino Florentino Ameghino (1907), porém, em vez de *caaiguazou*, viria da palavra *cabasú*. Justificando o emprego do epíteto *Cabassus* para o gênero *Cabassous*, Ameghino argumenta que sua grafia deveria ser modificada por duas razões: “1.º *Cabassous* es el nombre vulgar «Kabassou» de Buffon y «Cabassou» de Cuvier, latinizado por McMurtrie en *Cabassous*. El nombre es de origen guarani «Cabasú» que los autores francezes escribieron «Cabassou» en razon del sonido *u* que tienen que representado con las letras *ou*; escrito directamente segun la fonética latina hubiera resultado «Cabasú». 2.º Los nombres franceses latinizados, que tienen el sonido francés *ou*, en la forma latina se representa con la letra *u*. Por estas razones el nombre debe escribirse *Cabassus* y no *Cabassous*” (Ameghino, 1907: 72-73).

Sobre a primeira razão de Ameghino (1907), é pertinente ressaltar que o vocábulo *cabasú* (ou similar) não consta em nenhum dicionário guarani e nem em Martius (1863) e Papavero & Teixeira (2014). Normalmente, nesses dicionários, a palavra tupi-guarani (também designada por tupi ou guarani) *tatú* (ou *ta'tu*) é a única relacionada ao tatu. Superina & Aguiar (2006), ao relacionar os nomes indígenas dos tatus, não contam *cabasú* como palavra guarani, apenas espanhol. Em guarani, segundo os autores, *C. unicinctus* é *tatú-aí* e *P. maximus* é *tatú-guazu* ou *tatu mborevi*. *Cabassous* não tem, portanto, origem do guarani *cabasú* como afirmou Ameghino (1907).

Na verdade, a primeira tradução do francês *Kabassous* para o espanhol *cabasú* aparece no tomo XII da *Historia natural, general y particular*, uma tradução do *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi*, de Buffon (1763), pelo escritor espanhol José Clavijo y Fajardo, publicado em 1793. Clavijo y Fajardo (Buffon, 1793: 91) chega a denominar o *Cabasu* como *Armadillo-Vassu* na passagem em que fala da viagem de Claude d'Abbeville pelo Maranhão.

Alvarado Ballester (1982: 94) afirma que o zoólogo e paleontólogo espanhol Ángel Cabrera y Latorre, por volta de 1925, “castelhaniza” o nome do gênero *Cabassous* e refere-se a esses tatus como *cabasús* ou *tatús de rabo molle*. A espécie *C. unicinctus* seria então o *cabasú de orejas largas*, equivalente a “el «tatú-iba» de los brasileños”, e *C. loricatus* (atual *C. chacoensis*), o *cabasú de orejas cortas*. Sendo assim, a entrada do vocábulo *cabasú* no léxico espanhol

deu-se, nesse caso, numa segunda vez, pelo latim científico.

A etimologia galibi

O povo indígena que ocupou grande parte da costa norte da América do Sul quando os europeus por lá chegaram era conhecido como Caribe. Em cada localidade, recebiam um nome mais específico: Galibi na Guiana Francesa, Calina e Kaliña no Suriname, Carib na Guiana e Cariña na Venezuela. Os textos que tratam sobre esses grupos indígenas e suas línguas, por vezes, os tratam indistintamente. Simpson (1941), por exemplo, afirma que as línguas calina (*Kaliña*) e galibi são línguas do tronco caribe (*Karib*) muito parecidas, faladas na região costeira entre Caiena e Paramaribo.

A terceira etimologia possível relaciona o nome do gênero *Cabassous* à palavra galibi *kapasi* (FIG. 4). Embora, Barrère (1741) não tenha explicado o *Tatou Kabassou* que apresentou em sua lista de animais e plantas da Guiana Francesa, Simpson (1941) afirma que provavelmente *kapasi*, tatu em galibi, tenha originado o vernáculo francês.

Segundo Ahlbrinck (1931: 198), *kapasi*, em galibi, serve para denominar qualquer tipo de tatu, mas também é o nome específico de uma espécie. De acordo com o autor, “os caribes conhecem quatro espécies de tatu: a) *atuperu*: “*Xenurus unicinctus* Gray, 1865” (= *C. unicinctus*); b) *kapasi*: “o tatu comum de unhas curtas”; c) *oli'yatí*; d) *manura'imo*: “o tatu gigante (*P. giganteus*) (*granman-kapasi* em surinamês)”. Segundo Simpson (1941), *kapasi* originou muitas palavras variantes, como *kabasi*, *kapahu*, *kapasu*, etc., espalhadas pelas línguas do tronco caribe.

Martius (1863), durante os dez meses em que navegou pela bacia do rio Amazonas, conheceu alguns grupos indígenas cujas línguas faladas são do tronco caribe. Para tatu, os paravianas, de Roraima, usam *kapassi* e os oiampis, do Amapá, que falam tupi-guarani, mas tiveram grande contato com os galibis, usam *kapachi*.

Staffeleu (1975), ao listar os nomes comuns de animais no Suriname, também apresenta nomes parecidos com *kapasi* para as espécies de tatu: em surinamês, *kapasi* e *kapasie*; em galibi: *kapasi*, *kapasie*, *kapassi*.

Para tatu, Sauvage (1763: 89), no *Dictionnaire galibi, présenté sous deux formes*, registra a palavra galibi *capacou*, bastante diferente de *kabasu*, e a atribui a Boyer. Paul Boyer participou de uma expedição à Guiana Francesa em 1643 da qual escreveu em 1654 o seu *Veritable relation de tout ce qui s'est fait et passé au voyage que Monsieur de Bretigny fit à l'Amerique Occidentale*. Nele, Boyer (1654: 430) também relaciona *Tatou* com *capacou* apenas informando um como tradução do outro: “*Tatou, capacou*.”. Mesmo afirmando em seu prefácio que Barrère (1741) é um dos

dicionários que consultou, Sauvage (1763) emprega o *capacou* de Boyer (1654) em vez do *Tatou-Kabassou* de Barrère. Martius (1863) também afirma que tatu em galibi é *capacou*.

Capacou, assim escrito, deveria ser pronunciado /kapa'ku/ diferente da pronúncia /kapa'su/, o que causa alguma estranheza. Tastevin (1919: 135) esclarece o uso de “c”, afirmando que, nesse caso, “excepcionalmente, foi trocado o c duro pelo c suave”. O autor afirma que, nas publicações antigas, as palavras galibis, por vezes, foram submetidas a deformações e amputações mais ou menos pronunciadas. Isso é especialmente verdade nas palavras introduzidas pelos estudiosos que as conheciam apenas por escrito, como, por exemplo, a substituição de um “ç” por um “c”.

Sauvage (1763) fala sobre a dificuldade de se conhecer com exatidão a fala dos galibi. O linguista se espanta com a facilidade que os galibis possuem em substituir arbitrariamente, na frente de uma vogal, uma consoante por outra, o que necessariamente produz um som diferente. Para os galibis, pronunciar a letra “l” equivale a um “r” e vice-versa, assim como “p” e “b”, “c” e “g”, etc. O autor continua sua explanação afirmando que o registro das palavras é livre, isto é, não segue um padrão. Há quem use, portanto, “ka” e quem use “ca”, “ké” ou “qué”, “cé” ou “sé”, etc. Esse ponto impossibilita saber se o galibi *kabasu* é uma variante do também galibi *kapasu* ou se é uma confusão fonética entre “p” e “b” no registro escrito de Barrère (1741).

Considerando as pontuações de Sauvage (1763) e Tastevin (1919), é bastante provável que *kapasi* tenha originado *kapasu*, grafado como *capacou*, o que corrobora a etimologia apresentada por Boyer (1654) e reestruturada por Simpson (1941).

CONCLUSÕES

O filósofo grego Platão afirmou em sua obra *Kratýlos*, umas das primeiras do mundo a tratar sobre Etimologia, no século IV a.C., que “quem conhece as palavras, conhece também as coisas”. Cabe ao zoólogo, não somente conhecer a morfologia, a fisiologia, a taxonomia, a ecologia e outras propriedades dos animais, mas a nomenclatura zoológica para que hajam estudos de qualidade. A Etimologia faz seu papel de guia histórico para a Nomenclatura ao identificar a origem e as alterações das palavras científicas e, com isso, esclarece parte da História da Zoologia.

A história etimológica do gênero *Cabassous* mostra como a nomenclatura indígena influencia a científica e como o estropiamento dos termos originais pelos naturalistas europeus acabaram modificando essas palavras e dificultando o verdadeiro estabelecimento de sua etimologia.

A perpetuação dos equívocos e das variações dos significados e das ortografias lexicais deve-se ao fato de que a maioria dos lexicógrafos europeus antigos, dos dicionários de língua portuguesa, apenas replicavam palavras de dicionários de outras línguas, sem considerar as implicações na pronúncia e a veracidade das informações, uma vez que não havia a verificação das aceções das palavras *in situ*.

Considerando as argumentações apresentadas, pode-se concluir que das três etimologias apresentadas na literatura para o epíteto genérico *Cabassous*, a etimologia galibi (Simpson, 1949) é a mais plausível enquanto a tupi (Ferreira, 2004; Houaiss, 2009) e a guarani (Azara, 1801) mostraram-se incongruentes com as referências históricas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao biólogo Guilherme Siniciato Terra Garbino, zootaxonomista especialista em quirópteros e primatas, por seu pertinente e instigante comentário na publicação “O radical -açu nos nomes comuns e científicos”, da página Nomes Científicos (<<http://bit.ly/2dfW6jF>>), de minha autoria, em 1º de fevereiro de 2016. Seus apontamentos sobre as etimologias de cabaçu (*Cabassous*), guaçubirá (*Mazama gouazoubira* G. Fischer, 1814) e aguaraçu [*Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815)] foram o pontapé inicial motivador desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Ahlbrinck, W. G. 1931. L'Encyclopédie des Caraïbes. [s.n.], Amsterdam. 544 pp.
- Alvarado Ballester, R. 1982. De Nomenclatura juxta praeceptum aut consensu biologorum: tecnicismos, cultismos, nombres científicos y vernáculos en el lenguaje biológico. Real Academia Española, Madrid. 131 pp.
- Ameghino, F. 1907. Notas sobre una pequeña colección de huesos de mamíferos procedentes de las grutas calcáreas de Iporanga en el Estado de São Paulo-Brasil. Pp. 59–124 in: Revista do Museu Paulista (R. von Ihering, ed.) 7. Cardozo Filho, São Paulo.
- Audouin, J. V. et al. 1822. Dictionnaire classique d'histoire naturelle. Tome second. Rey et Gravier, Paris. 621 pp. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.105722>
- Aulete, F. J. C. & A. L. S. Valente. 1881. Dicionário contemporaneo da lingua portugueza. Tomo primeiro. Imprensa Nacional, Lisboa. 1880 pp.
- Aulete, F. J. C. & A. L. S. Valente. 2017. Dicionário Caldas Aulete. <<http://www.aulete.com.br/>>. Consultado em 16 de março de 2017.
- Azara, F. 1801. Essais sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la province du Paraguay. Charles

- Pougens, Paris. 499 pp. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.110393>
- Barrère, P. 1741. Essai sur l'histoire naturelle de la France équinoxiale. Piget, Paris. 252 pp.
- Boyer, P. 1654. Veritable relation de tout ce qui s'est fait et passé au voyage que Monsieur de Bretigny fit à l'Amerique Occidentale. Pierre Recolet, Paris. 463 pp.
- Buffon, G.-L. L. 1763. Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi. Tome Dixième. Chez Sanson & Compagnie, Aux Deux-Ponts. 369 pp.
- Buffon, G.-L. L. 1793. Historia natural, general y particular. Tomo XII. Imprenta de la Viuda de Ibarra, Madrid. 291 pp.
- Cuvier, G. 1817. Le Règne Animal distribué d'après son organisation. Tome II. Chez Deterville, Paris. 532 pp.
- Edelweiss, F. G. 1969. Gûasú e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros 7: 33–45. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i7p33-45>
- Ferreira, A. B. H. 2004. Novo dicionário eletrônico Aurélio, versão 5.0. Ed. Positivo, Curitiba.
- Figueiredo, C. 1899. Nôvo dicionário da língua portuguesa. Volume I. Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa. 781 pp.
- Gardner, A. L. 2005. Order Cingulata. Pp 94–99 in: Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference (D. E. Wilson & D. M. Reeder, eds.), 3rd ed. Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Gmelin, J. F. 1788. Caroli a Linné Systema Naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Editio decima tertia, aucta, reformata. Impensis Georg. Emanuel Beer, Leipzig [Lipsiae]. 500 pp.
- Gotch, A. F. 1979. Mammals, their Latin names explained: a guide to animal classification. Blandford Press, Poole. 271 pp.
- Houaiss, A. 2009. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 3.0. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro.
- ICZN – International Commission of Zoological Nomenclature. 1999. International Code of Zoological Nomenclature. Fourth Edition. The International Trust for Zoological Nomenclature, London. <<http://iczn.org/code>>. Consultado 17 de março de 2017.
- Joaquín Dominguez, R. 1845. Diccionario Universal Francés-Español. Tomo I. Imprenta de Viuda de Jordan e Hijos, Madrid. 749 pp.
- Labernia, P. 1866. Novísimo diccionario de la lengua castellana. Tomo I. Espasa Hermanos, Barcelona. 1142 pp.
- Linnaeus, C. 1748. Systema naturae sistens regna tria naturae, in classes et ordines, genera et species redacta tabulisque aeneis illustrata. Editio sexta, emendata et aucta. Kiesewetter, Stockholmiae. 224 pp.
- Linnaeus, C. 1758. Systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Editio decima, reformata. Salvius, Holmiae. 824 pp.
- Marcgrave, G. 1648. Historiae rerum naturalium brasiliae. Pp. 1–300 in: Historia naturalis brasiliae (W. Piso, ed.). Elsevier, Amsterdam.
- Martius, C. F. P. 1863. Glossaria linguarum brasiliensium: glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Indios no imperio do Brazil. Druck von Junge & Sohn, Erlangen. 548 pp.
- McMurtrie, H. 1831. The animal kingdom arranged in conformity with its organization. Volume 1. G. & C. & H. Carvill, New York. 510 pp.
- Michaelis. 2015. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Versão 2.0. Ed. Melhoramentos, São Paulo. <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Consultado 19 de março de 2017.
- Oliveira, M. M. 2016. Como fazer pesquisa qualitativa. Vozes, Petrópolis. 192 pp.
- Papavero, N. & D. M. Teixeira. 2014. Zoonímia tupi nos escritos quinhentistas europeus. NEHILP/FFLCH/USP, São Paulo. 329 pp. <https://doi.org/10.11606/9788575062302>
- Sauvage, M. D. L. 1763. Dictionnaire galibi, présenté sous deux formes: I° Commençant par le mot françois; II° Par le mot galibi. Précédé d'un essai de grammaire. Chez Bauche, Paris. 184 pp.
- Silva, A. M. 1858. Diccionario de lingua portugueza, 6. ed. Tomo I. Typographia de Antonio José da Rocha, Lisboa. 930 pp.
- Simpson, G. G. 1941. Some carib indian mammal names. American Museum Novitates 1119: 1–10. American Museum of Natural History, New York.
- Soares, A. J. M. 1942. Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 177: 3–270.
- Staffeleu, P. 1975. Surinaamse zoogdiernamen (Surinam vernacular names of mammals). Zoologische Bijdragen 18: 3–74.
- Superina, M. & J. M. Aguiar. 2006. A reference list of common names for the Edentates. Edentata 7: 33–44. <https://doi.org/10.1896/1413-4411.7.1.33>

- Tastevin, C. 1919. Note sur quelques mots français empruntés à la langue tupi du Brésil, au galibi de la Guyanne, et à l'aruac des antilles. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* 10: 133–144. <https://doi.org/10.3406/bmsap.1919.8874>
- Tierno, J. C. 1954. *Dicionário zoológico*. Tertúlia Epídica, Lisboa. 772 pp.
- Valdez, M. C. C. M. 1864. *Diccionario español-portugués*. Tomo primero. Imprenta Nacional, Lisboa. 959 pp.
- Vieira, F. D. 1873. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, Segundo volume. Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Porto. 1150 pp.

Recebido em: 21 de março de 2017; Aceito em: 21 de junho de 2017